

# Atlas Lingüístico-etnográfico da região Oeste do Paraná/*ALERO*: um estudo do movimento das línguas e dos dialetos no espaço e no tempo

Sanimar Busse<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Colegiado de Letras – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

sani\_mar@yahoo.com.br

**Abstract.** *This paper present some considerations on the description of the linguistic variation phenomenon based on the principles of pluridimensional dialectology. Dialectology, or pluridimensional geolinguistics, in its topodynamic and chronodynamic dimensions, attempts to include in the description of spoken language the recording of language movement, following the track of a linguistic innovation within the dynamic relations established in the society. The phases of conservation, innovation and transition phenomena are therefore described in the basis of a combination of areal recordings (diatopy) and sociolinguistic variables (diastratic, diasexual and diagenetic variables).*

**Resumo.** *Apresentamos neste trabalho algumas considerações sobre a descrição da variação lingüística a partir dos princípios da dialetologia pluridimensional. A dialetologia ou geolingüística pluridimensional, na sua dimensão topodinâmica e cronodinâmica, tenta imprimir à descrição da fala o registro do movimento da língua, acompanhando o caminho de uma inovação no interior das relações dinâmicas que se estabelecem na sociedade. Os estágios dos fenômenos de conservação, inovação e transição são retratados, portanto, a partir da combinação dos registros areais (diatopia) às variáveis sociolingüísticas (diastrática, diassexual e diagenérica).*

**Palavras-chave:** variação lingüística; dialetologia pluridimensional; dimensões sociolingüísticas.

## 1. Palavras introdutórias

O fenômeno da variação lingüística, em sua face mais explícita, a fala, representa o conjunto de forças que se estabelecem no complexo jogo das interações sociais. Partindo do fato de que determinados contextos lingüísticos têm em sua constituição grupos com características ímpares, pode-se observar nas diferentes manifestações, que

compreendem modos de pensar, organizar e interagir com a realidade, um panorama polimórfico da realidade lingüística. A fala nessas comunidades coloca-se como atividade que filtra, separa e organiza elementos de maneira que se possa reconhecer substratos da história, da cultura e da organização social em que o falante está inserido.

A capacidade de representar de diferentes formas a realidade não é condição apenas de grupos heterogêneos; pois mesmo em comunidades homogêneas, é possível perceber essa realidade, que se coloca como uma réstia por onde se vislumbram sombras do passado que se unem como elos da história. A fala resguarda nos seus traços mais diversos e específicos o presente e o passado, reconstruindo o trajeto dos grupos no espaço e no tempo.

O polimorfismo da fala, resultado dos entrelaçamentos entre os diferentes momentos da história, tem levado estudiosos a se debruçarem sobre o fenômeno da variação buscando descrever e analisar a fala na sua versão mais plástica e móvel.

A dialetologia, tomando o espaço areal como contexto para a investigação da fala, apresenta quadros multiformes da realidade lingüística. A descrição da fala nos espaços geográficos constitui verdadeiro documento do registro dos elementos que se unem à história, à cultura, aos percursos, aos trajetos no espaço e aos contatos entre as diferentes culturas.

Se os registros de um atlas permitem visualizar a distribuição espacial das variantes lingüísticas, por outro lado, levam a conjecturas sobre as condições de aparecimento ou não de dado fenômeno. Isso porque as cartas lingüísticas não são representações opacas da realidade, cujos registros se esgotam em si, mas se oferecem em sua dupla feição como registros da história dos homens. Trata-se, portanto, de uma dupla arealização: (i) do espaço e das rotas ou trajetos entre os pontos; (ii) da sociedade e das projeções que os dados acionam no interior das variáveis extralingüísticas.

Tomando o fenômeno da variação num determinado espaço geográfico como elemento capaz de mover-se no ambiente e de, na interface sócio-cultural, acompanhar os movimentos dos grupos e indicar os condicionadores da fala, as descrições que se voltam para as tentativas de documentação da fala delineiam também a função das variáveis extralingüísticas.

## **2. Variação na língua: algumas considerações**

Como a língua segue funcionando (na sua estrutura) enquanto muda? Essa questão conduziu Weinreich; Labov e Herzog (2006, p. 16) a proporem como condição essencial da língua a heterogeneidade, que do ponto de vista diacrônico ou sincrônico é 'ordenada'. Segundo os autores, a mudança ocorre sob limites, pois "nem toda mudança é possível, há restrições também quanto à possibilidade de fatores condicionantes".

Ao asseverar que a "língua não pertence à ordem causal (não é aleatório, não é involuntário, não é natural) mas à ordem final, ao fatos que se determinam por sua função", Coseriu (1988, p. 29) indica que a mudança ordenada e as 'restrições' condicionadoras coabitam o campo da finalidade, da atividade e do existir concreto da língua.

Tomando a heterogeneidade como princípio para a descrição da mudança na língua, Weinreich; Labov e Herzog (2006, p. 17) propõe um roteiro de problemas aos quais as descrições e análises dos fenômenos da variação devem fornecer respostas para:

- a) a questão dos *fatores condicionantes* (mudanças e condicionantes possíveis): quais são as instâncias ou variáveis sociais que atuam nos contextos de mudança.
- b) a questão da *transição* (os estágios intervenientes entre dois estados da língua):
- c) a questão do *encaixamento* (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura lingüística e na estrutura social)
- d) a questão da *avaliação* (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua)
- f) a questão da *implementação* (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época).

Em todos os problemas podemos perceber a preocupação em descrever a variação estabelecendo os fatores internos e externos da língua, prevendo as condições e as restrições dos contextos de fala. Trata-se de uma proposta complexa e que exige um rigor e uma minuciosidade nas análises que se propõem a penetrar os subterrâneos da língua e percorrer os veios da fala.

Os atlas lingüísticos têm, segundo Weinreich; Labov e Herzog (2006, p. 26), representado a heterogeneidade lingüística nos diferentes espaços, apresentando as áreas lingüísticas “num *continuum* de fragmentos sutilmente subdivididos”.

A dinamicidade de um determinado traço ou variante lingüística, representada nas cartas lingüísticas, deve ser analisada à luz dos condicionadores sociais que compõem o contexto de realização da fala. Os condicionadores extralingüísticos (variável geracional, sexual e nível social) podem assumir formas e papéis diversos em cada situação e/ou ponto de uma área geográfica delimitada. Assim, para uma descrição mais detalhada, a dialetologia pludimensional concebe as dimensões a partir de parâmetros que desdobram a realidade lingüística na descrição da fala.

Segundo Cardoso (2002, p. 251), características de ordem socioculturais dos falantes, como idade, gênero e escolaridade tornam-se elementos de investigação que convivem “com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal”. E, ao abrir o leque de variáveis, a dialetologia representa a língua na sua forma mais viva e dinâmica, possibilitando uma análise dos entrelaçamentos e das relações entre o contexto externo e interno da fala.

As condições ou restrições que atuam nos contextos de realização da fala acabam por impulsionar as investigações sobre o fenômeno da variação em áreas descritas pelo seu polimorfismo lingüístico, na tentativa de registrar os graus cambiantes da fala a partir dos deslocamentos geográficos e sociais.

O estudo em tela toma os princípios teóricos e metodológicos da dialetologia pludimensional para descrever e analisar a fala numa área geográfica marcada pela homogeneidade e heterogeneidade étnico-cultural. A partir de registros do Atlas Lingüístico do Paraná-ALPR (AGUILERA, 1994) e de dados preliminares do projeto de pesquisa Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná-ALERO (BUSSE,

2007)<sup>1</sup>, tentamos descrever as variantes lingüísticas nas dimensões diasssexual e diageracional.

### **3. Dialetoologia Pluridimensional: o espaço da língua e de suas representações sociais**

As pesquisas geolingüísticas surgem a partir da contestação das teorias neogramáticas com relação à regularidade e à uniformidade das alterações fonéticas da língua. Segundo Brandão (2005, p. 8), a propagação das teorias neogramáticas gerou polêmicas e motivou “pesquisas dialetais que, ao contrário de confirmá-las, acabaram por refutá-las em grande parte”.

Tomando o espaço geográfico como contexto para o estudo da variação, a geolingüística vem demonstrando que as variantes seguem rotas traçadas pelo trajeto do homem por diferentes territórios e, se instaladas ou em trânsito, tomam formas particulares em função das condições em que ocorrem.

A possibilidade de reconhecer e descrever o fenômeno da variação num espaço geográfico, apresentando, segundo Brandão (2005, p. 11), um “precioso inventário de formas”, nas quais se vislumbra “uma visão dinâmica de cada fato descrito, pela comparação simultânea com outros nele expostos, ensejando conclusões também de natureza histórica”, levou a Dialetoologia a se preocupar com a descrição de áreas conservadoras e inovadoras, dos centros de irradiação cultural e das zonas de transição da fala. Contudo, as descrições sempre estiveram circunscritas às complexas instâncias culturais, históricas e sociais que acabaram por estreitar o diálogo entre a dialetoologia e outras áreas, como a história, a antropologia e a sociologia, entre outras.

Por reconhecer que nos dialetos está a “biologia da linguagem, que não é senão que outra coisa que a marcha do espírito sobre as palavras que, de algum modo, são a sua vestidura” (ALVAR, 1996, p. 2), os estudos dialetológicos tomam por objeto, a fala, representada no espaço geográfico, como uma coleção de elementos da história e da cultura, que, pela inserção em determinada sociedade, sofre os efeitos da dinâmica e da complexa relação estabelecida entre os fatores intra e extralingüísticos.

Cardoso (2002, p. 220) destaca que desde os primórdios dos estudos dialetais, os dialetólogos tiveram sensibilidade para as variáveis sociais; a novidade, porém, é “o enfoque que essas variáveis recebem e o tratamento a que são submetidas”. Segundo Pottier (1996, p. 41), a dialetoologia tem como objeto central o estudo dos “diversos dialetos da língua através dos espaços geográficos”, mas não há dúvida, conforme assevera, de que “a geografia humana, a econômica e a cultural também se refletem nessa tela de atividades sociais de onde se projetam os padrões lingüísticos dos falantes”.

Buscando o conhecimento “dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução” (BRANDÃO, 2005, p. 12), a dialetoologia se

---

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa de doutorado - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Londrina (2007-2011) -, sob orientação da Professora Doutora Vanderci de Andrade Aguilera.

move em direção aos princípios sociolingüísticos e toma aqueles que possam elucidar os fenômenos descritos nas cartas lingüísticas, para assim traçar uma análise da face dinâmica da fala.

A face mais social da dialetologia diatópica manifesta-se e define-se em termos metodológicos a partir do que se denominou como crise ou divisão da geolingüística românica, identificados por Thun e Radtke (1991) como momento em que a disciplina se defronta com a necessidade de descrever falares que transpusessem os espaços mais isolados, de conservação e purismo lingüístico. Esta atitude estava presente desde o princípio, conforme declara Cardoso, mas que diante da possibilidade de identificar, descrever e dar tratamento aos dados, por meio da cartografia, aflorou nos últimos anos ampliando a concepção dos espaços geográficos, das variáveis sociais para a seleção dos informantes e da coleta dos dados, incluindo, por exemplo, elementos referentes ao contato entre línguas e dialetos.

A dialetologia pluridimensional e relacional dispõe, metodologicamente, de um conjunto de parâmetros que busca recobrir as dimensões diatópica e social imergindo até os níveis mais profundos do contexto interno e externo da língua. Para tal, propõe-se a descrever a variação buscando romper com uma possível estaticidade dos fenômenos descritos pela dialetologia diatópica, para representá-los num universo regido pelos movimentos e pelas forças da história, da cultura e da organização social dos grupos.

Segundo Thun (2000, p. 196), a dialetologia pluridimensional, que busca se distinguir da dialetologia tradicional “pela arealização complexa, pela desarealização e pela quantificação”, pode responder a duas questões para as quais a geolingüística tradicional e a sociolingüística não têm encontrado resposta: (i) “Até que nível social, idade, estilo etc. estende-se um fenômeno lingüístico identificado numa área entre os locutores de um mesmo nível social, de uma mesma faixa etária ou expressando-se num mesmo estilo?”; (ii) “Até que área chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que convivem num mesmo lugar, em vários grupos etários, em vários estilos, etc.?”. Para tal, na sua dimensão topodinâmica e cronodinâmica, a geolingüística tenta registrar elementos que constituem o contexto de uso da língua (eixo extralingüístico) e o contexto da própria língua (eixo intralingüístico), buscando abarcar o maior número de informações referentes à língua a ser descrita.

O conjunto de dimensões que busca refletir sobre as variáveis na descrição da variação num espaço geográfico é compreendido mais pela sua constituição sócio-cultural do que pela sua posição físico-geográfica. As dimensões sociais cindem-se para deixar vir à tona os cenários que regem as especificidades dos traços lingüísticos em cada realização. Thun (2005, p. 71) apresenta um roteiro para as dimensões organizando-as a partir de parâmetros que explicitam a realidade da fala nas localidades investigadas:

- a) Dimensão Dialingual: as línguas em contato;
- b) Dimensão Diatópica: topostática;
- c) Dimensão Diatópica Cinética: topostático e topodinâmico;
- d) Dimensão Diastrática: socioculturalmente elevado e inferior;

- e) Dimensão Diageracional: geração I e II
- f) Dimensão Diassexual: feminino e masculino
- g) Dimensão Diafásica: leitura, conversa livre, resposta
- h) Dimensão Diareferencial: objetividade e metalinguagem

As dimensões e os parâmetros de um atlas pluridimensional apontam para um novo conceito do espaço lingüístico, com estudos que abrangem o âmbito horizontal (contrastivo), vertical e diagonal da fala. Segundo Thun (1998), as atuais pesquisas caracterizam-se pelo triplo esforço de melhorar a recolha dos dados, de visualizar as grandes estruturas formadas pelos fatos individuais e de estender a tradicional superfície constituída pela dimensão diatópica em espaços lingüísticos que se desdobram e que se unem a outras dimensões verticais como a dimensão diastrática.

O atlas topodinâmico pluridimensional tem por objetivo registrar também a fala em grupos com uma história migratória (grupo com mobilidade horizontal identificável); para tal, a seleção da rede de pontos preve movimentos de imigração que devem ser seguidos de uma fase razoavelmente longa de “sedimentação” residencial e lingüística, dispersão do grupo sobre um território e a análise contrastiva com grupos de fala de origem com grupos de fala tradicional na zona de chegada. A possibilidade de levantamento lingüístico da zona de origem (cronodinâmica) dos informantes, por meio de estudos já publicados, visa identificar os fenômenos estáveis, os fenômenos em curso e as mudanças acabadas.

#### **4. O percurso da fala no decurso da história e a constuição de identidades**

Para uma compreensão do papel das variáveis extralingüísticas com relação aos fenômenos de conservação, inovação e transição lingüística, buscamos alguns elementos da formação histórica e cultural, levantando os dados que orientem a variação lingüística a partir da ocupação e da transformação dos espaços.

O falar paranaense tem sido descrito pela compartimentação do seu território conforme os diferentes processos de povoamento, que se deram em períodos e de modos diferenciados (MERCER, 1993). O atravessamento étnico-cultural na fala acaba por delinear isoglossas, áreas e sub-áreas lingüísticas e demarcar fronteiras entre os traços lingüísticos, que correspondem à cultura dos falantes que primeiro habitaram os espaços e deixaram para trás a constituição de uma identidade que se insinua na língua. Se no território paranaense as áreas lingüísticas foram definidas pelas ‘ondas colonizadoras’, podemos encontrar na região Oeste alguns espaços que também esboçam um quadro lingüístico representativo da formação histórico-cultural das localidades.

O Oeste paranaense tem seu cenário histórico marcado por períodos de povoamento com a presença de espanhóis (Reduções), portugueses (Bandeirantes e Reduções), argentinos e paraguaios (Obrages), e na sua fase “moderna”, colonizadores gaúchos, catarinenses, paranaenses, mineiros, baianos e paulistas, entre outros. Identificada de forma emblemática como “Marcha para o Oeste”, a ocupação das terras oestinas nas décadas de 1950 e 1960 estava assentada nas ações oficiais do governo (Período Vargas), em que se propalava um nacionalismo exacerbado e se buscava um Estado fortalecido e centralizador. Diante desse quadro, Gregory (2005, p. 93) destaca

que os planos de ação do governo, executados pelas companhias madeireiras e colonizadoras, eram implementados por meio da seleção de colonos que se adaptassem à região e que fossem do sul do Brasil, descendentes de alemães, italianos e de “outros imigrantes acostumados com a lida agrícola colonial na pequena propriedade”.

O esforço por desbravar terras desconhecidas e ali transplantar a cultura e o modo de organização social resultou na constituição de áreas culturalmente mais homogêneas. Formaram-se, assim, núcleos de colonização, marcados por características étnico-culturais, com maior concentração de descendentes de alemães e italianos, como em Marechal Cândido Rondon, Santa Helena, Toledo e Medianeira; de paranaenses do norte e noroeste do Paraná, paulistas e mineiros, como em Assis Chateaubriand e região mais ao norte. Em torno desses núcleos surgiram outros povoados, que podem ser descritos pela sua heterogeneidade cultural proveniente da mistura de moradores de diferentes regiões do Paraná, de São Paulo, de Minas Gerais, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Nordeste do Brasil, como Guaíra, Cascavel, Guaraniaçu, Santa Terezinha de Itaipu e Capitão Leônidas Marques. Assim, embora as áreas de conservação se destaquem, há zonas de transição em que as diferentes culturas conviveram, preservaram, transformaram e adaptaram seus hábitos, seus costumes e sua fala.

Os registros do Atlas Lingüístico do Paraná-ALPR (AGUILERA, 1994), do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil-ALERS (KOCH; KLASSMANN, ALTENHOFEN, 2002) e do Atlas Lingüístico do Paraná-ALPR II (ALTINO, 2007) apontam para a formação de sub-áreas na região, as quais se manifestam pelo conservadorismo e pela transição com relação a alguns traços lingüísticos.

O projeto Atlas Lingüístico-Etnográfico do Oeste do Paraná/*ALERO* (BUSSE, 2007) tem por objetivo descrever, a partir dos princípios da dialetologia pluridimensional, o fenômeno da variação lingüística, levantar e identificar o papel dos grupos étnico-culturais e das variáveis extralingüísticas nos fenômenos que caracterizam áreas e zonas mais conservadoras, inovadoras e de transição.

#### **4.1 As dimensões diassexual e diageracional: pistas para uma descrição da fala**

Expomos aqui alguns registros mapeados nas cartas lingüísticas que descrevem a fala paranaense a partir das dimensões diassexual e diageracional. As reflexões são um esboço de análise dos fenômenos registrados no interior das variáveis extralingüísticas e do seu decurso no espaço e no tempo.

Para uma visualização do uso das variantes, apresentamos informações de dicionários Bluteau (1712/1728), Filipak (2002) e Houaiss (2002). O Vocabulário Português e Latino, de Raphael Bluteau, é o primeiro dicionário monolíngüe da língua portuguesa. A edição consultada foi digitalizada e está disponível no site do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP<sup>2</sup>. O Dicionário Sociolingüístico Paranaense, organizado por Francisco Filipak, apresenta a fala paranaense a partir de pesquisas sociolingüísticas e dialetológicas sobre a língua falada nos rincões do Estado. A obra

---

<sup>2</sup> <http://www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Bluteau/formBuscaDicionarioPIChave.asp>

apresenta, além dos significados das lexias, uma descrição diatópica dos usos das formas no Estado, na Região Sul e no Brasil. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa<sup>3</sup> pode ser considerado uma das fontes mais consultada e mais acessível para pesquisas sobre o vocabulário da língua portuguesa.

Os dados, retirados de cartas lingüísticas do Atlas Lingüístico do Paraná-ALPR (AGUILERA, 1994), e os registros preliminares coletados para o projeto de pesquisa Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná-ALERO (BUSSE, 2007) podem ser tomados como indicativos da variação diatópica em toda dinamicidade histórica e cultural de ocupação dos espaços físicos e sociais. As Cartas foram selecionadas a partir da descrição das variantes considerando as variáveis sexo e faixa etária e seu papel para a formação de contextos de conservação, inovação e transição lingüística no Estado do Paraná e na região Oeste.

Com relação à variável sexo, ou dimensão diasssexual, segundo Trudgill (1974), alguns estudos sociolingüísticos demonstram que as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas lingüísticas do que os homens, e por essa razão, são mais sensíveis à significação das variantes lingüísticas nas relações sociais. As diferenças na fala de homens e mulheres pode, também, estar relacionada a atitudes sociais, pois homens e mulheres são socialmente diferentes nas diferentes posições sociais que ocupam, regidos por diferentes regras sociais. Paiva (2004) destaca que as diferenças mais evidentes entre a fala dos homens e das mulheres situam-se no plano lexical. A autora ainda destaca que a análise da dimensão social da variação e da mudança lingüística não pode ignorar que a ocorrência de variantes envolve formas padrão e não-padrão, assim como processos de implementação, inovação e conservação.

Para uma exemplificação do papel de homens e mulheres quanto aos fenômenos de variação lingüística, nos processos de conservação e inovação lingüística, utilizamos a Carta 49 e a Carta 86 do Atlas Lingüístico do Paraná-ALPR (AGUILERA, 1994). Na Carta 49, variantes para “florzinhas brancas com miolo amarelinho, ou florzinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar”, encontramos uma certa regularidade no registro entre as variantes *maçanilha* e *camomila*. A primeira está presente entre os homens em seis pontos, e entre as mulheres, em oito. *Camomila*, por sua vez, aparece em dez pontos entre os homens e em onze, entre as mulheres.

Diatopicamente, a variante *maçanilha* estende-se de leste a oeste, percorrendo toda a região sul do Estado, onde ocorre a maior concentração da forma. No Litoral, em direção ao Centro, no Oeste e no extremo Sul, formam-se as áreas de transição, com o registro de *camomila*. No Norte, a variante *camomila* encontra-se distribuída de leste a oeste, contrapondo-se, assim, ao Sul e ao Centro do Estado.

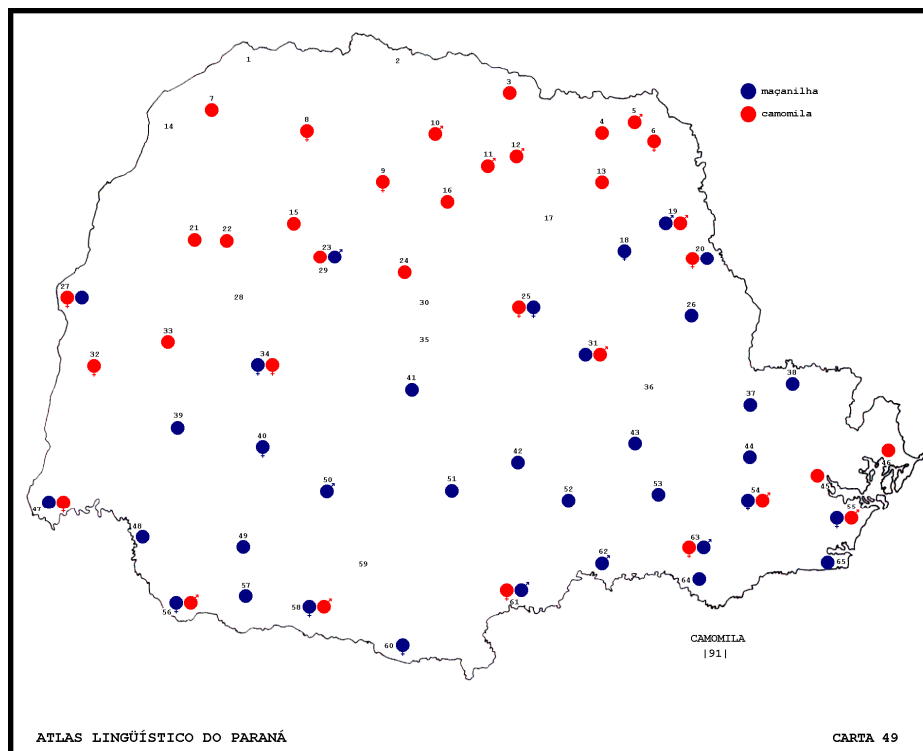
Segundo Filipak (2002), *maçanilha* tem seu uso resgistrado no Litoral e no Sul do Estado. Houaiss<sup>4</sup> registra *maçanilha* como “pequena maçã; maçãzinha, maçãzita”, de etimologia espanhola. Para *camomila*, Filipak (2002) apresenta a variante *maçanilha*,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>

<sup>4</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=ma%E7anilha&styp=k>. Acessado: 27/08/2008.

destacando que seu uso prevalece no norte do Paraná, enquanto *maçanilha* vigora no sul. Houaiss<sup>5</sup> apresenta as variantes *camomila-dos-alemães*, *camomilha*, *macela*, *margaça*, *matricária*.



Conforme os registros apresentados na Carta, com relação à variável sexo, podemos observar que não há diferenças entre o uso de uma e outra variante. Contudo, o mapeamento nos oferece o seguinte panorama:

- (i) *maçanilha* é mais produtiva entre as mulheres no Litoral paranaense, em oposição ao Sudeste, onde aparece com maior vitalidade entre os homens; reaparecendo novamente entre as mulheres no Sul e numa área do Oeste;
- (ii) *camomila* apresenta maior produtividade no Leste em direção ao Norte entre os homens, no Oeste, as mulheres apresentam um maior número de registro da variante;
- (iii) *maçanilha* e *camomila* coocorrem, entre homens e mulheres, no Litoral e em toda a faixa Sul do Estado. Prevalecendo, porém, a variante *maçanilha* entre as mulheres.

Os dados nos indicam um certo conservadorismo na fala das mulheres, que pode estar ligado às práticas domésticas e ao cultivo de hábitos e tradições familiares. Ainda podemos considerar o papel do homem como elemento responsável pela introdução de formas inovadoras no grupo. É o que se observa em alguns pontos mais ao Sul do Estado, com relação à variante *camomila*.

<sup>5</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbeta=camomila&stype=k>. Acessado: 27/08/2008.

Na Carta 86, há o registro de cinco variantes para “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho”, quais sejam: *estilingue*, *bodoque*, *setra*, *funda* e *atiradeira*. O mapeamento dos usos das variantes nos revela diferenças diatópicas e diassexuais.

Em Bluteau (1712-1728)<sup>6</sup> encontramos a forma *bodoque* fazendo referência à bala de barro, e *besta* como arco de atirar setas, com a *besta* de *bodoque* se atiravam as balas de barro. Filipak (2002) destaca que o termo *bodoque* aparece no Litoral paranaense, apresentando a variante *setra*. Para *bodoque*, Houaiss<sup>7</sup> apresenta as seguintes explicações: (i) trata-se de diacronismo: antigo; (ii) é uma pelota de argila cozida que se arremessava com certo tipo de *besta*; (iii) *besta* usada para arremessá-la; (iv) regionalismo brasileiro; (v) variante *atiradeira*. Com relação a *estilingue*, Filipak (2002) destaca a questão geográfica do uso da variante no Estado, apresentando as variantes *setra*, *bodoque* e *funda*. Segundo Houaiss<sup>8</sup>, *estilingue* é um regionalismo brasileiro, e as variantes são *atiradeira* e *bodoque*. Segundo Bluteau (1712-1728)<sup>9</sup>, *funda* é um instrumento de cordas que serve de atirar pedra com maior força. O termo deriva de *fundabulum*, palavra de baixa Latinidade, que antigamente significava uma máquina, com que se atiravam pedras. Filipak, além de registrar as variantes *bodoque*, *estilingue*, *setra* e *atiradeira*, informa que a variante está presente em Foz do Iguaçu e Guaíra. Houaiss<sup>10</sup> apresenta as variantes *atiradeira*, *catapulta*, *estilingue*, *fundíbulo*.

---

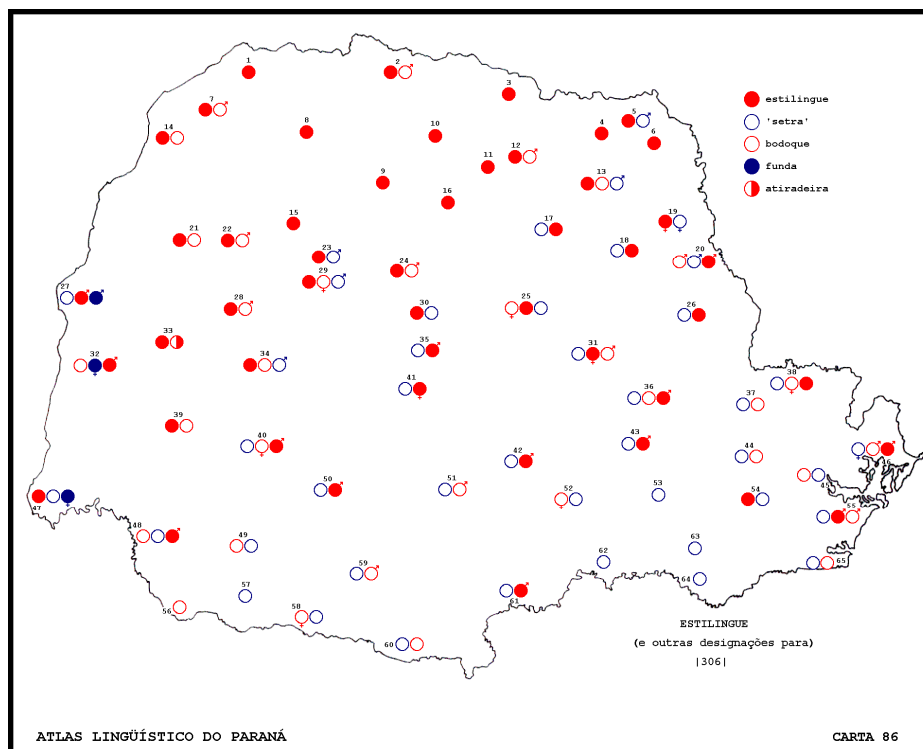
<sup>6</sup> <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Acessado: 27/08/2008.

<sup>7</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=bodoque&stipe=k&x=9&y=7>. Acessado: 03/09/2008.

<sup>8</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=estilingue&stipe=k>. Acessado: 27/08/2008.

<sup>9</sup> <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Acessado: 27/08/2008.

<sup>10</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=funda&stipe=k>. Acessado: 27/08/2008.



Diatopicamente, podemos observar a formação de áreas de maior concentração no Litoral, com a variante *setra*, seguida de *estilingue* e *bodoque*; no Norte, a forma *estilingue* coocorre com *setra* e *bodoque*, tomando o Leste em direção ao Sul; no Oeste, registram-se *estilingue* e as variantes *funda*, *bodoque* e *setra*.

Diassexualmente, com relação às variantes mapeadas, o quadro que se apresenta pode ser assim descrito:

- (i) *estilingue* é a forma mais produtiva. Entre os homens ela é registrada no Centro, em direção ao Oeste paranaense;
- (ii) *setra* aparece entre falantes do sexo masculino no Leste, em direção ao Norte;
- (iii) *bodoque* se concentra entre os homens na área mais ao Norte do Estado; entre as mulheres, a variante é registrada com maior vitalidade no Centro do Estado;
- (iv) *funda* tem seu registro concentrado no Oeste, principalmente entre as mulheres.

Os dados registrados na Carta apontam para uma homogeneidade na fala feminina, principalmente com relação às formas *bodoque* e *funda*. Entre os homens há uma maior variação com o registro de *estilingue* e *bodoque* em todo o Estado, seguido de *setra* e *bodoque* nas demais áreas. Provavelmente, a realidade, o context de uso do referente atue com condicionador da fala feminina. Trata-se de um brincado de meninos, o contato e a socialização nas brincadeiras pode ter levado os homens a possuírem um maior número de formas para nominá-lo.

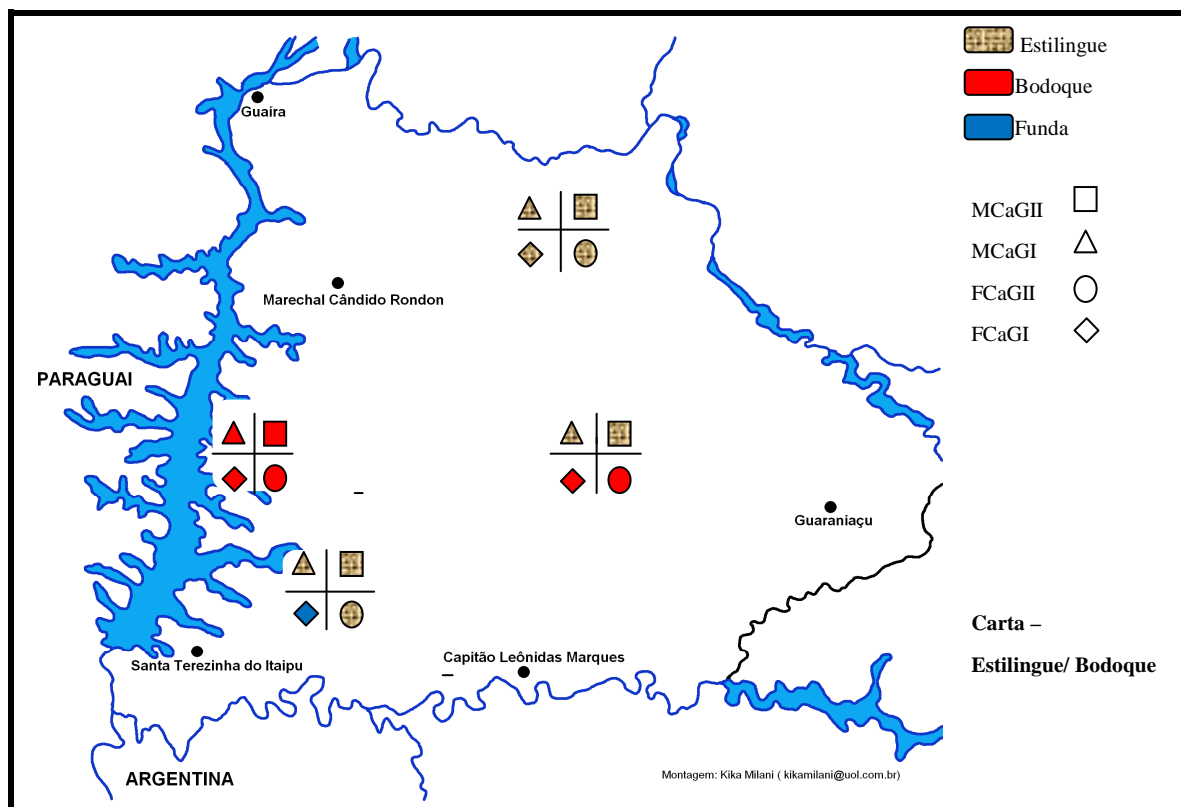
Das variáveis que condicionam a fala, a faixa etária pode ser considerada a mais perceptível. É a partir da dimesão diageracional que observamos determinados usos e os

identificamos como pertencentes a um nível mais conservador ou inovador da língua. Labov (1972; 1994) dedicou-se à definição de uma metodologia de descrição da mudança lingüística em curso. Apresentou a pesquisa em *tempo real* e a pesquisa em *tempo aparente*. Assim, para uma verificação da mudança lingüística em curso, o regresso à comunidade depois de um lapso de tempo para repetir o mesmo estudo pode fornecer dados em *tempo real*. Diferentemente de seguir a pista da mudança em *tempo aparente*, com a distribuição das variáveis lingüísticas por faixas etárias. (LABOV, 1994)

As Cartas na seqüência apresentam um mapeamento preliminar dos registros da pesquisa para elaboração do Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná-ALERO (BUSSE, 2007). Os dados foram colhidos entre falantes com escolaridade até o Ensino Médio, de quatro localidades da rede de pontos: a) Ponto 02 (Assis Chateaubriand); b) Ponto 04 (Santa Helena); Ponto 05 (Medianeira) e Ponto 08 (Cascavel), distribuídos em duas faixas etárias: GI (18 a 35 anos) e GII (45 a 65 anos).

Na Carta A, com o registro das variantes para “brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho”, podemos observar que a variante *estilingue* é registrada pela maior parte dos informantes do sexo masculino, da primeira e segunda geração, com excessão do Ponto 04 (Santa Helena), onde se registra a forma *bodoque*. Entre as mulheres, há uma variação entre *estilingue*, *bodoque* e outras formas, principalmente na primeira geração.

As áreas de maior concentração estão localizadas ao Norte e a Oeste da Região, confirmando a realidade da fala que está relacionada ao povoamento, na primeira, colonizadores do norte do Estado, do sudeste e do nordeste do Brasil; na segunda, colonizadores sulistas, descendentes de alemães e italianos.



**CARTA A (Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná-ALERO)**

Os dados ratificam as informações da Carta 86, do Atlas Lingüístico do Paraná-ALPR (AGUILERA, 1994), com relação à distribuição diatópica das variantes *estilingue* e *bodoque*. Os registros ainda apontam para uma provável mudança lingüística em curso, com o desaparecimento e/ou diminuição das formas *setra* e *funda* e a difusão de *estilingue* em áreas mais conservadoras, como o Ponto 05 (Medianeira), de colonização ítalo-brasileira.

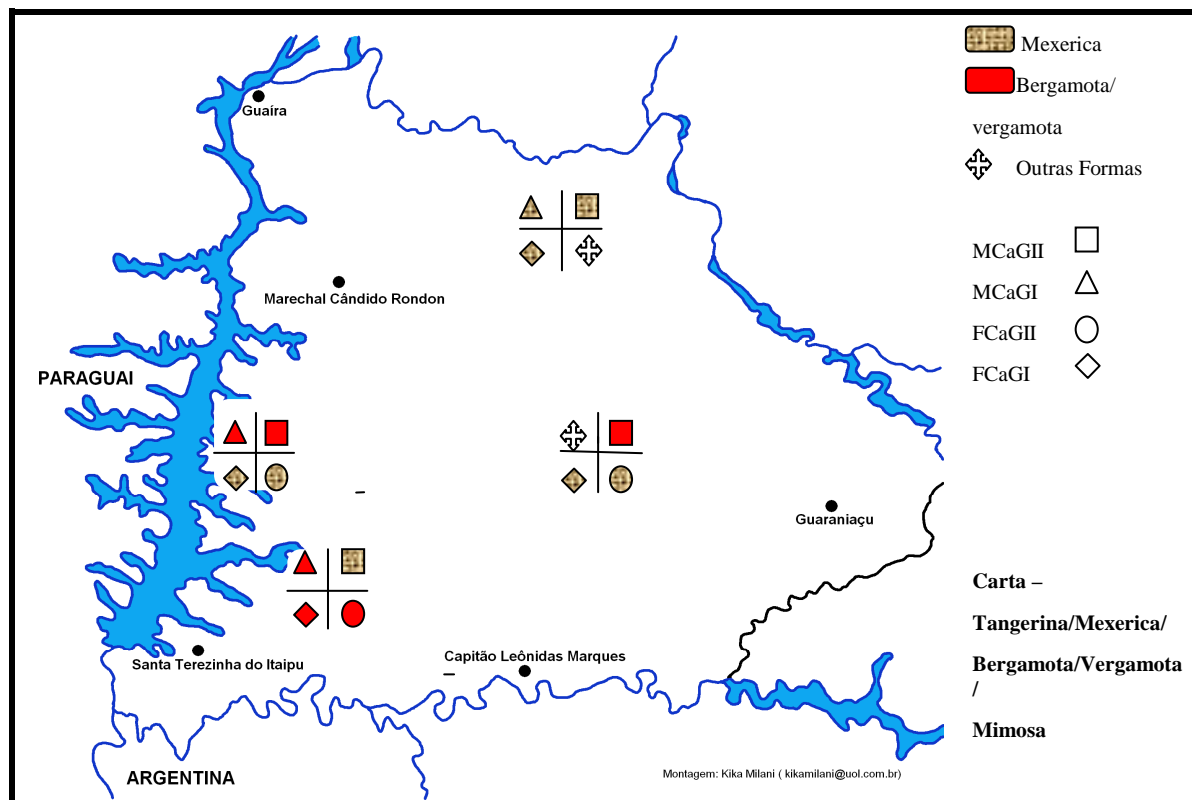
Na dimensão diageracional, a variante *estilingue* é mais produtiva entre falantes do sexo masculino, da segunda faixa etária. Entre as mulheres a variação é maior, com o registro das formas *bodoque*, *estilingue* e *funda*. Além do maior número de variantes entre falantes do sexo feminino, a variação é maior na primeira faixa etária.

A Carta B, com o mapeamento das variantes para “frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão e, normalmente, deixam um cheiro na mão”, revela uma grande variação diageracional, esboçando áreas mais homogêneas e áreas de transição.

Em Bluteau<sup>11</sup> encontramos *bergamota* fazendo referência à *pêra bergamota*, assim chamada, porque as primeiras frutas foram trazidas da cidade de Bêrgamo. Filipak (2002) registra a ocorrência espacial da forma no Paraná e no Sul do Brasil, informa pertencer ao latim antigo (*pêra*). Apresenta as variantes *laranja-cravo*, *tangerina*, *mexerica* e *mimosa*, também destaca que seu uso ocorre com maior frequência entre

<sup>11</sup> <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Acessado: 28/08/2008.

falantes ítalo-brasileiros. Houaiss<sup>12</sup> registra como variedade de pêra sumarenta, designação dada à plantas odoríferas, tendo como variante *tangerina*. Destaca, também, o regionalismo do termo em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Para *mexerica*, Filipak informa que é a fruta da mexeriqueira, conhecida em todas as regiões do Paraná. Apresenta as variantes *mimosa*, *tangerina*, *bergamota* e *laranja-cravo*. Houaiss<sup>13</sup> apresenta a variante *tangerina* e, quanto à etimologia, destaca que o nome é atribuído ao fruto pelo fato de o odor forte denunciar quem o comeu.



**CARTA B (Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná-ALERO)**

Com relação à dimensão diageracional, podemos observar que as variantes *mexerica* e *bergamota* estão distribuídas na fala de homens e mulheres da segunda geração (45 a 65 anos). Na primeira geração (18 a 35 anos) ocorre uma homogeneidade maior nas áreas ao norte (*mexerica*) e ao sul (*bergamota*), contrastando com os pontos 04 (Santa Helena) e 08 (Cascavel), em que prevalecem na fala feminina a forma *mexerica*, e na masculina, *bergamota*. Provavelmente, as mulheres, independentemente da idade, registrem a variante *mexerica* como forma inovadora, se assim a considerarmos.

Advertimos que as considerações expostas no texto se deram a partir de dados preliminares registrados de forma ilustrativa nas Cartas A e B. A ausência de uma

<sup>12</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=bergamota&styp=K&x=15&y=7>. Acessado: 28/08/2008

<sup>13</sup> <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=mexerica&styp=K>. Acessado: 28/08/2008.

análise mais detida com relação ao condicionamento da dimensão diageracional na fala se deve à ausência de maiores dados sobre as variantes registradas.

## 5. Considerações

Neste trabalho apresentamos alguns indícios de descrição da variação na fala a partir de dados descritos em atlas lingüístico já concluído (AGUILERA, 1994) e em pesquisas em andamento (BUSSE, 2007). Tememos por algumas considerações em função da escassez de materiais para consulta. Porém, o ensaio de análise, tomando os dados como indícios, confirma os princípios da dialetologia pluridimensional, de que a descrição das variantes nas diferentes dimensões leva a uma avaliação relacional, em que as variáveis se entrecruzam de maneira dinâmica.

Os dados apontam para um entrelaçamento entre as dimensões diageracional, diasssexual e cultural, confirmando o fenômeno da conservação ou inovação lingüística entre os falantes do sexo feminino, com destaque para a segunda geração em que os homens também registram formas inovadoras. Os dados expostos no interior das variáveis sociais (sexo e faixa etária) encontram-se condicionados ao contexto areal, considerando que os espaços físicos se constituíram a partir dos movimentos dos grupos, os quais têm determinado o aparecimento das variantes, e numa avaliação mais detida também atuam sobre os fenômenos de conservação, inovação e transição da variação lingüística.

O olhar do estudioso deve estender-se, portanto, em todas as direções e o maior desafio está na identificação da relação transversal, que se estabelece entre os aspectos diatópicos, diastráticos, históricos, culturais e sociais do fenômeno da variação.

## 6. Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *Atlas Lingüístico do Paraná*. São Paulo: Assis, 1994.

ALVAR, Manuel (Dir.). *Manual de dialectología hispánica. El español de España*. Barcelona: Ariel, 1996.

ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas Lingüístico do Paraná II*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 2005.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário Portuguez & Latino, aulico, anatomico, architectonic*. Coimbra: 1712 – 1728. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Acessado: 27/08/2008.

CARDOSO, Suzana Marcelino. *A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?* Revista do GELNE. Vol. 4. Nº 1/2, 2002.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e Historia. El problema Del Cambio lingüístico*. Madrid: Gredos, 1988.

GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <http://www.uol.com.br/>.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. ALERS: *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil. Volume I e II: Introdução*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

LABOV, William. *Sociolinguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.

\_\_\_\_\_. *Principios del Cambio Lingüístico. Volumen 1: Factores Internos*. Madrid: Gredos, 1994.

\_\_\_\_\_. *Principios del Cambio Lingüístico. Volumen 2: Factores Sociales*. Madrid: Gredos, 1994.

MERCER, José Luiz. *Áreas fonéticas do Paraná: dados preliminares do ALERS*. In: Revista da ABRALIN. Boletim n. 14. Agosto de 1993. São Paulo, julho de 1993.

PAIVA, Maria da Conceição de. *A variável gênero/sexo*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

POTTIER, Bernard. *Dialectologia y Gramática*. In: ALVAR, Manuel. *Manual de dialectologia hispânica: el espanhol de Espanha*. Barcelona: Ariel, 1996.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Nuevos Caminos de La Geolingüística Românica: un balance*. In. RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Dialetologia Pluridimensional Romanica*. Heidelberg/Mainz: Westensee-Verlag Kiel, 1991.

THUN, Harald. *La géographie linguistique romane à la fin du XX<sup>e</sup> siècle*. In. ENGLEBERT, Annick; PIERRARD, Michel; ROSIER, Laurence; van RAEMDONCK, Dan. *Actes do XXII<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998.

\_\_\_\_\_. *O português americano fora do Brasil*. In. GÄRTNER, Ebehard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel. *Estudos de geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000.

\_\_\_\_\_. *A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata*. In. ZILLES, Ana Maria Stahl. *Estudos de Variação Lingüística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: na introduction to language and society*. Penguin Books: Canadá, 1974.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. . *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006.